

PITTA, Eduardo. *Um rapaz a arder*.
Lisboa: Quetzal, 2013. 240 p.

Edgard Pereira

Universidade Federal de Minas Gerais

Retirado de um poema de *Archote glaciari*, (quinta coletânea poética do autor, de 1988), *Um rapaz a arder* nomeia um livro de memórias do escritor moçambicano Eduardo Pitta, que cobre em dez capítulos o período incluso entre 1975 e 2001. Vale dizer: desde a saída de Lourenço Marques, aturdida e em chamas com as lutas da independência, para fixar-se em Lisboa, chacoalhada ainda pelos ares trepidantes da Revolução dos Cravos. Inicia-se com o relato das marchas e contratempos da luta anticolonial em África, termina com a destruição das torres gêmeas em Nova Iorque, o terror nos dois extremos. Imerso na rota dos confrontos, surge como escritor em Moçambique, um ano antes de abandonar o país: “Foi na ressaca dessa turbulência que saiu o meu primeiro livro, *Sílaba a sílaba*”. O primeiro capítulo, “Próspero & Caliban”, apresenta em síntese o movimento que redundou na independência do país africano. “Ao contrário de Angola, onde três partidos disputavam pelas armas o poder, a independência de Moçambique deu-se sem sobressalto de maior”. A ser verdadeira esta assertiva, é também exato que após a independência, o caldo transborda e os confrontos violentos, a barbárie e a matança indiscriminada de opositores recrudescem. Não confundir “sem sobressalto de maior” com manifestação pacífica e ordeira, alguns milhares já estavam

mortos em junho de 1975, muitos em execuções sumárias. Em 1990, dois anos antes do acordo de paz entre duas facções (a Frelimo e a Renamo), um milhão de pessoas foram dadas como mortas nos conflitos.

O alcance cosmopolita e a veemência na expressão da identidade *gay*, evidentes na primeira nota de pé de página, evidenciam um registro histórico que não se contenta com a pintura confortável do quintal doméstico. Ao contrário, quem se debruça no tempo carrega o estigma de ter duas pátrias, ressentido pela proscricção de uma delas; traz ecos das mutilações e extermínios, perpetrados em nome de dominação e poder. Quando remexe no passado, funde a historia pessoal à do país em cujo sol nasceu e se formou, estabelece vínculos profundos entre a luta libertária de um povo à experiência, que também se pretende da mesma natureza, do corpo. Como falar de nação, pátria, quando as circunstâncias inóspitas afugentam e amedrontam? As questões de gênero, um dos eixos fundamentais, são tratadas mais sob a clave de Gore Vidal do que de Gide, priorizam aspectos da evolução e formas consuetudinárias da postura *gay* em detrimento de sua justificação e urgência. A irreverência, a ironia e a elegância pontuam o estilo ágil, direto, incisivo, por vezes insolente e esnobe.

A princípio exilado em Portugal, Eduardo Pitta envolve-se por inteiro na vida cultural de Lisboa, vista como cidade adotada para sempre: passa a colaborar na revista *Colóquio-letras*, mantém uma produtiva atuação na *Ler*, assina crítica literária em jornais, aos poucos vai moldando seu espaço no cenário da cultura portuguesa. “Oriundo de Moçambique, homossexual assumido, com amigos à esquerda e à direita – três óbices sérios nos anos 70 portugueses -, eu era uma *avis rara*”. Enquanto publica seus livros (de poesia, ficção e crítica), faz e consolida amizades, em especial na área jornalística e literária. Sobretudo, convive com grandes nomes da literatura

e das artes plásticas dos últimos vinte e cinco anos. O testemunho acerca dos bastidores da cena literária revela um sagaz observador das relações sociais e do perfil humano de alguns escritores que se tornaram nomes incontornáveis da produção contemporânea. Algumas indiscrições vêm a calhar, a maioria talvez conhecida, outras nem tanto, exemplares do registro frívolo de crônica social panorâmica que perpassa o grosso das memórias. O fenômeno de Portugal a se reencontrar com suas fronteiras européias, jogado no processo de descolonização, é visto pela ótica de um estrangeiro que acompanha, de forma panorâmica, o movimento de redemocratização do país. Poupa-nos, por seu turno, de repisar questões sociológicas a respeito das mutações históricas, observadas nas últimas quatro décadas.

Para além do enfoque político, outras pautas são abordadas, das artes plásticas às viagens internacionais (Grécia, Nova Iorque, Rio de Janeiro e Paris), das boates *gays* aos restaurantes da moda. A estadia de três meses no Brasil nos anos oitenta, com a inflação na estratosfera, a ditadura militar agonizante e a seleção de futebol encantando o mundo com um futebol vistoso mas de resultados pífios, rende oito páginas de registro direto, com direito a óperas no Municipal, visita ao escritor Lêdo Ivo e tiradas irônicas que buscam condensar o feito descompromissado do carioca: “...o Rio é *glossy* e cafageste em doses iguais”. Alguns intelectuais merecem maior atenção, seja pela origem moçambicana (Rui Knopfli, Eugênio Lisboa, Alberto de Lacerda, Guilherme de Melo), partilha de interesses ou o sortilégio gratuito da amizade, noutros casos. Nos capítulos finais, são feitas revelações em torno do que seria o perfil arredo, conservador e vaidoso de Al Berto. Os supostos vínculos entre vida e arte nem sempre abonam conclusões definitivas. Num percurso de documentário, em que a miopia e a lupa se alternam, os

incidentes ligados à morte de poetas sucedem-se, de entremeio a informações banais sobre gatos domésticos e o sucesso de Saramago: “Nenhum escritor português, vivo ou morto, foi alvo de uma projeção com tal magnitude. Nem mesmo Pessoa”. Ao revelar a convivência com os amigos, as palavras saem úmidas de afeto e de cumplicidade. As páginas sobre efemérides, produção de obras, eventos e prêmios, o cotidiano em torno do que se chama vida literária, temperamento e idiossincrasias de um e outro escritor, descontado o gosto pela autoexibição, dão azo a que seja delineado um mosaico rico e variado de um período de ouro da literatura portuguesa, compreendido entre 1970 a 2000.

O esforço de expandir o relato e os comentários pode ser observado no cuidado com que as notas bibliográficas suplementam o texto principal, adicionando detalhes e complementando os dados. Fartamente enriquecido com fotos, o livro traz índice onomástico e destaca-se ainda pelo apuro e qualidade do acabamento gráfico.